

1º Lugar

ESTREITA ESTRADA *

ASTOR

Luiz Fernando de Souza Emediato

Curso de Comunicação Social da FAFICH

— 3º ano

E lhe disse o Senhor, teu Deus: Ide, e sede casto. E ele foi, porém antes que chegasse a Jersheba, apareceu-lhe na estrada uma mulher nua e clara. O que procuras?, perguntou. E a mulher, que tinha as faces douradas pelo vinho e um estranho par de asas saindo do dorso, respondeu: Eu te procuro. E ele foi então com ela, pois acreditou nela estar o verbo, a verdade, a vida.

I

- Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
- Amém. Quais são seus pecados, meu filho?
- Padre...
- Sim, meu filho? Não tenha medo. Deus é bondoso e perdoa, a seus miseráveis servos, os iníquos pecados.
- Padre, eu não sei...
- Não tenha receio, meu filho.
- Eu não...

* A Comissão Julgadora do Concurso de Contos decidiu premiar a obra enviada pelo estudante Luiz Fernando de Souza Emediato, da qual destacou o conto "Estreita Estrada" para publicação.

— Está bem, eu o ajudo, meu filho. Você tem praticado atos imorais?

— Sim, padre...

— Sozinho ou com outros meninos, meu filho?

— Sozinho e com outros pessoas, padre.

— Ah...

A infância. A infância distante quarenta e oito anos, a infância incrustada na memória com seus medos e terrores e delícias. As primas nuas banhando-se na lagoa, as coxas brancas com pequenos pelos, os mamilos duros de frio, as masturbações, o corpo quente, suado, o torpor, os arrepios e os remorsos. A mãe construindo em palestras noturnas, ao pé do fogão, visões terríveis de um inferno povoado por monstros e demônios de rabos de faca, espinhos e urtigas, legiões de seres fantásticos perseguindo-o nos sonhos que o despertavam para a escuridão. O silêncio. O medo.

— Com pessoas, meu filho? Do mesmo sexo ou de outro, meu filho? Não temas, Deus é grande e bondoso e a todos perdoa, por maiores que sejam, os seus pecados.

— Do meu sexo e de outro, padre...

— De outro, meu filho?

— Sim, padre. Meninas...

— Ah...

Lígia. Lígia dos sorrisos e dos abraços. Tranças, lembranças. O corpo quente, criança, o pubis sem pelos. A doce pele. As perninhas abertas e as coxas firmes, os seiozinhos querendo brotar: Lígia, Lígia, Lígia... Lígia perdida no tempo, Lígia evocada do passado nas noites tristes em que, sozinho no quarto, perdido em devaneios, emaranhava-se, o crucifixo es-

quecido na parede nua, em décadas e décadas de recordações, desejos frustrados, desejos sufocados durantes dias, meses e anos, dezenas de anos inúteis e gastos. Lígia.

- Com outros meninos também, meu filho?
- Também, padre...
- Ah...

Os pequenos amigos. Corridas pelo mato, índio e bandido, lutas, os corpos juntos, o rio. Os corpos nus singrando as águas como navios vivos, os corpos nus dourando ao sol, as pequenas nádegas que o atraíam. “Meu filho, previna-te contra as tentações do demônio, ampla e confortável é a estrada que leva ao reino de Deus, e triste, e estreita, cheia de espinhos a estrada que conduz à vida eterna”.

— Meu filho, você não pode continuar fazendo estas coisas. Deus, em sua infinita bondade e sabedoria, criou o homem à sua imagem e semelhança para que um dia lhe faça companhia no céu. Você não pode, meu filho, continuar praticando estes atos imorais. Sei que a tentação do demônio é forte, é quase irresistível. Mas você deve lutar contra Satanás. É isto que Deus espera de você: que lute, que reprima seus maus desejos.

— Padre, eu não consigo...

— Consegue, meu filho. À noite, durma com as mãos fora das cobertas. Faça isto, meu filho. E reze. Reze e converse com Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele te ouvirá e te consolará nas noites de insônia. Cristo resistiu quarenta dias e quarenta noites no deserto, com fome e com sede. Você não é capaz de resistir a uma só noite, no conforto de uma cama quente?

— Padre, é...

— A oração tudo alcança, meu filho. Isto é pecado, Jesus não quer, é crime contra a natureza. É impuro.

— Sim, padre.

— Agora vá, meu filho, vá. Reze cem ave-marias, vinte padre-nossos mais trinta vezes o ato de contrição. Você sabe o ato de contrição?

— Sei, padre.

— Muito bem, meu filho. Todos devemos saber como pedir perdão a Deus.

— Sim, padre.

— E agora, meu filho, vá com Deus. Deus é contigo, meu filho.

O pai. O chicote. As costas ardendo, as mãos inchadas pelos golpes de palmatória. Para nunca mais você pegar neste lugar, para nunca mais você usar esta mão para o pecado, para nunca mais você usar esta mão para praticar um crime contra as leis de Deus. Para nunca mais, nunca, nunca mais você usar esta mão para o pecado, para o pecado, o pecado, o pecado. O pecado de amar os gestos de Lígia, o pecado de usar a mão nele próprio, em Lígia, a curiosa e trêmula mão descobrindo e explorando novos caminhos no branco corpo de Lígia. O pai. Os olhos do pai arregalados e vermelhos surpreendendo-os arfantes e belos na descoberta de um mundo de delícias e prazeres. Os olhos repreensivos e raivosos do pai queimando como o fogo do inferno a sua mão, o seu pequeno pênis inexperiente e tímido. Os olhos do pai profanando a nudez infantil e envergonhada de Lígia, os olhos do pai: nunca mais, nunca mais, nunca, nunca, nunca mais.

— Padre, eu pequei.

— Sim, minha filha? Deus perdoa. Deus perdoa nossos infíquos pecados, sejam quais forem. Quais são seus pecados, minha filha?



As noites passadas em claro, o pênis endurecido sob as cobertas. As mulheres da cidade dançando desesperadas e convulsivas dentro dos sonhos sonhados de olhos abertos. O demônio; o inferno e o pecado entre ele e as mulheres dos sonhos, o fogo, os espinhos. A vida eternamente condenada, a se decompor nas chamas até o final dos séculos.

— Deus é grande, minha filha.

A derrota. As mãos ágeis e nervosas, o prazer oculto e depois o remorso, o medo, a frustração. A tempestade sobre o teto, os raios e os trovões. O clarão na vidraça, o coração disparado no peito oprimido. Salvai-me, senhor, do fogo do inferno. Salvai-me, senhor.

— Reze, minha filha. Reze. Cristo te quer pura e incorrupta para aquele que será o seu esposo e o pai de seus filhos.

Dançava. Os corpos juntos, pregados. As palavras saídas a custo do fundo da garganta, as fugas para os jardins ocultos. Os corpos esfregados sem amor e com fúria. O desesperado procurar de bocas e partes de corpos. A exaustão final. Uma procura que resultou em nada. O banho que não purificou as manchas. A missa de domingo e o juramento: "nunca mais, Senhor, praticarei tais atos". A inexorável e irresistível repetição dos atos.

II

Inquieto, observa-a se afastando, o corpinho gracioso, as nádegas movendo-se dentro das calças compridas. A imagem através do pequeno quadrado de tela do confessionário. Angustiado, baixa a cabeça que dói, aperta as têmperas com as pon-

tas dos dedos de unhas tristemente sujas. Suspira, deixa que a cabeça tombe sobre a tábua onde repousam os braços durante as confissões.

Senhor, não permitais... Não permitais que eu caia em tentação.

Joga o retrato no fundo da gaveta, como se contornada pela moldura olhe para ele com olhos distantes não uma mulher, mas um demônio de olhos vermelhos e fatais, no fundo das pupilas a promessa de maldições e torturas num inferno fantástico. *Por quanto tempo, Senhor, terei de suportar este tormento?*

Deita-se, manuseia o rosário sem conseguir rezar, abre o pequeno missal sem conseguir ler as minúsculas palavras que flutuam à frente de seus olhos. Demora a adormecer. Sonha com crianças, casas no campo, animais, criações de coelhos, árvores, uma planície vasta por onde corre livre e nu, o vento acariciando o corpo, a desejada paz invadindo-o. De madrugada tem pesadelos, desperta suado, um grito agarrado no peito. Um touro negro o perseguia seguido por uma procissão de mulheres histéricas e nuas. Todas as madrugadas um touro negro o perseguia acompanhado por uma procissão de mulheres histéricas e nuas.

Não permitais, Senhor, que eu sucumba à tentação. Dai-me forças, Senhor, dai-me forças para que eu suporte este martírio.

Adormece. Um sulco profundo rasgando a testa.

Desperta, os olhos fincados no teto. Sem se levantar, procura inutilmente imagens de um tempo em que teria sido possível outra escolha. Levanta-se, lava o rosto na pia do quarto, veste a batina. Em jejum, cruza o corredor que conduz à capela, o pequeno crucifixo ferindo os dedos rigidamente apertados contra ele. *A vida inteira eu me preparei para uma*

festa que não acontecerá jamais, a vida inteira eu me preparei para o inútil, para o vazio, para o nada. A vida inteira eu me preparei para a morte.

Os dedos separando as hóstias pregadas uma às outras, conduzindo depois a branca pastilha até os lábios dos fiéis, os lábios e as línguas estendidos humildes e submissos. Enfiando as hóstias, automaticamente, pela boca adentro dos fiéis, relembra a imagem que, de manhã, o espelho do quarto cruelmente devolveu. Os cabelos brancos e ralos, olheiras profundas. Os gastos olhos empapuçados. Os braços fracos, a pele flácida, o peito estreito com pequenos pelos esparsos. O ventre proeminente, ridículo. *Estou gasto, nada mais me resta.* O último fiel recebe a hóstia e se assusta com a força do gesto que a introduziu em sua boca.